

ESTUDO DA FUNCIONALIDADE DAS PRAÇAS PEDRO II, RIO BRANCO E MARECHAL DEODORO DA FONSECA NA CIDADE DE TERESINA- PIAUI

**Hiana BRITO01 (1); Joselivalto RIBEIRO02 (2); Verônica ALVES03 (3); Jacqueline BRITO
(4)**

(1) Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí – CEFET-PI, Praça da Liberdade 1597 Centro Teresina/PI Cep:
64.000-020, (86) 3215-5212, e-mail: jacqueline_sbrito@yahoo.com.br

(2) CEFET-PI, e-mail: jacqueline_sbrito@yahoo.com.br

(3) CEFET-PI, e-mail: jacqueline_sbrito@yahoo.com.br

(4) CEFET-PI, e-mail: jacqueline_sbrito@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar a funcionalidade das praças Pedro II, Rio Branco e Marechal Deodoro da Fonseca na cidade de Teresina-Piauí. Realizou-se um estudo descritivo, com a finalidade de analisar quais funções as praças estão desenvolvendo atualmente na cidade de Teresina-Piauí, tendo como instrumento de coleta de dados a aplicação de questionários semi-estruturados. Foram aplicados 35 questionários com os trabalhadores que utilizam as praças como local de trabalho e 50 com pessoas que freqüentam as mesmas. Constatou-se que 82% das pessoas desconhecem a verdadeira função das praças e, quanto aos trabalhadores, 55% definiram praça como um local para a realização de eventos culturais. Diante desses resultados percebe-se que a verdadeira função das praças está desvirtuada, pois o que deveria ser uma área de lazer, de cultura, de preservação do patrimônio histórico, está na verdade funcionando como local de comércio, prostituição, vandalismo. A falta de preocupação e priorização por parte dos órgãos públicos competentes, no que concerne a manutenção dessas praças para que possam ser utilizadas adequadamente, está contribuindo com a situação atual.

Palavras-chave: Praças, funcionalidade, usos, Teresina.

INTRODUÇÃO

“Grande parte da vida da cidade se passa nas praças, que desempenham aqui um papel mais importante do que talvez em qualquer outro lugar. Por causa do calor ou talvez por uma inclinação natural dos habitantes, as praças estão sempre cheias de gente, tornando – se um centro de reunião obrigatória para quem quer participar da vida da cidade, o lugar onde se faz a crônica viva dos acontecimentos cotidianos, ponto de encontros e discussões, comentários e mexericos. A cidade tem muitas praças. Umas cuidadas, ajardinadas, freqüentadas. Outras abandonadas, esquecidas. Outras que nem se quer tem o nome de praças: são simplesmente largos. E em questão de nome aconteceu com elas o mesmo que com as ruas. Os nomes antigos com que o povo as conhece, foram substituídos por outros sem pitoresco e, às vezes, sem expressão” (DOBAL, 1952).

Na Antigüidade, as praças eram construídas ao redor dos grandes palácios para enfeitá – los, e depois serem apreciadas pelos nobres. As pessoas humildes não tinham acesso a esses ambientes.

Com o desenvolvimento das cidades e o conseqüente aumento da população, sentiu – se a necessidade de construir áreas com espaço livre para o publico, onde pudessem desenvolver eventos de cunho cultural, e onde as autoridades pudessem discursar para o povo.

Na idade média a Igreja utilizava as praças para o sacrifício de pessoas que eram contra seus preceitos, essas pessoas eram queimadas em praça pública diante de toda a cidade. No período da Revolução Francesa, inúmeras pessoas, que eram contra a revolução, foram executadas em praça pública. As praças também serviam para a reunião de populares que objetivavam algum tipo de manifestação contra algum seguimento.

O crescente aumento dos centros urbanos e conseqüentemente das edificações, motivaram a criação de praças nos mesmos priorizando as áreas verdes, como forma de oferecer a população da cidade um ambiente agradável, no qual poderia passear com suas famílias, marcar encontros com os amigos, assistir eventos, dentre outras atividades.

Desenvolvendo este trabalho foi possível observar que as praças públicas desempenham numa cidade, além do papel de áreas verdes, cujo objetivo é ajudar a amenizar a poluição do ar, uma vez que há nos grandes centros urbanos um grande fluxo de veículos, e conseqüentemente um alto índice de poluição do ar, outro fator relevante é a significação social, pois são obras históricas e como tais destinam – se a incentivar a cultura, o lazer e tantas outras finalidades cabíveis a cada praça.

Assim, ao abordar este tema, nota – se que estas praças, que fazem parte do patrimônio histórico da cidade, assumem nos dias atuais características diferentes das quais foram objetivadas, sendo a principal o desenvolvimento do comercio informal.

Com isso sentiu – se a necessidade da realização de uma avaliação mais detalhada, para que se possa mostrar a importância e as verdadeiras funções das três praças em questão, para que assim, as pessoas, principalmente os teresinenses ao tomarem conhecimento das informações que aqui são apontadas, sintam – se sensibilizados e procurem cobrar das autoridades competentes a preservação desses patrimônios, sem deixar é claro de fazer sua parte.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A preservação do patrimônio cultural, hoje entendida dentro de um enfoque ampliado e complexo, exige uma abordagem multidisciplinar. Principalmente quando se trata da conservação urbana, cujo objeto é um sítio histórico, transforma-se em instrumento de planejamento e gestão, a medida que interfere na funções da cidade, envolve o uso do solo corrente e futuro, circulação, composição demográfica, social, devendo considerar todas as relações e práticas sociais dos habitantes (FIGUEIREDO, 2004).

Ainda segundo Figueiredo (2004), o sítio histórico urbano é considerado parte integrante de um contexto mais amplo composto do ambiente natural, do ambiente construído e da vivência dos habitantes num espaço de valores do passado e do presente, em processo de transformação. E neste contexto, os novos espaços devem ser entendidos como testemunhos ambientais em formação dentro do processo dinâmico de transformação.

Isso se confirma com a afirmação de Affonso (2007), que diz que a função da praça varia de acordo com o contexto e a época na qual ela está inserida.

METODOLOGIA

Área de estudo

Para o estudo do tema proposto foi realizada uma pesquisa descritiva com enfoque qualitativo.

A pesquisa de campo foi realizada nas praças: Praça Pedro II, Praça Rio Branco e Praça da Bandeira, localizadas no centro da cidade de Teresina-PI.

A Praça Pedro II foi fundada em 1789. Nascida como Praça João Pessoa e rebatizada como Independência, depois Aquidabã e atualmente Pedro II, localizada entre o Theatro 4 de Setembro e o Centro de Artesanato. A Praça Pedro II era ponto das grandes festas populares da cidade, como os desfiles de carnaval e as paradas da Semana da Pátria (Bonifácio Neto, 2002)

A juventude encontrava – se na Praça Pedro II, onde moças e rapazes davam voltas em sentidos contrários, trocando olhares e galanteios, e por isso era conhecida como “A Praça Sentimental dos Namorados”.

No centenário de Teresina, em 1952, foi comemorado com uma serie de eventos cívicos – culturais como desfiles escolares, alvoradas com bandas de música, shows nas praças, cultos religiosos e seções oficiais. Os palcos dos principais eventos populares foram a Praça Pedro II e a Avenida Antonio Freire, decoradas para marcar a data (Bonifácio Neto, 2002)

Uma reforma retirou suas tradicionais muretas, elemento que voltaria parcialmente na ultima obra, realizada em 1996, quando a praça recuperou alguns dos seus aspectos mais marcantes. Na década de 50 seu detalhe era o lago, nas proximidades da Avenida Antonio Freire, tendo sido suprimido por reformas que transformaram sucessivamente a paisagem da mais teresinense das praças (Bonifácio Neto, 2002)

Já a Praça Rio Branco, que era um endereço valorizado por residências e casas comerciais, foi fundada em 1910; está situada atrás da Igreja Nossa Senhora do Amparo, antigamente foi uma mata de mufumbo, mais tarde foi o jardim público da cidade, com tanques, plantas, bancos de encosto, retretas, as plantas era podadas a moda européia.

“Hoje substituíram os bancos, os tanques desapareceram e a sombra dos oitizeiros e fícus se espalha por canteiros descuidados, enquanto os bustos do Barão do Rio Branco e do jurisconsulto Coelho Rodrigues, na sua triste condição de bronze, recebem o sol e ares limpos desta cidade e, raramente, a atenção de algum curioso. Em um dos cantos da praça foi erguida, solenemente a coluna da hora, onde um relógio elétrico procura, inutilmente, preencher uma função que a cidade não aceita. É a praça dos automóveis. Aqui estacionam os carros de aluguel, que são de todos os tipos ao gosto do freguês, e se distribuem, naturalmente, em secções diferentes de acordo com o tipo” (DOBAL, 1952).

A Praça da Bandeira, na verdade Praça Marechal Deodoro da Fonseca, está localizada, em frente ao Mercado Público. A designação de Praça da Bandeira surgiu em virtude do Juramento a Bandeira, prestado por recrutas numa área aberta da praça.

No início do século XX – centro político, social e comercial da cidade, na época, reunindo, repartições públicas, igreja e o mercado.

A coluna de mármore que se encontra na praça até hoje, foi por conta dos teresinenses que queriam registrar sua gratidão ao Conselheiro Saraiva e angariaram fundos para erguer um monumento na primeira praça da nova capital, a atual Marechal Deodoro. A coluna foi encomendada no Rio de Janeiro, e chegou a cidade a bordo do vapor Uruçuí, em 1859, sendo instalada no mesmo ano (Bonifácio Neto, 2002)

Material e Método

O trabalho foi realizado através da aplicação de questionários, foram aplicados questionários de dois tipos, um para os trabalhadores que tem as praças como ambiente de trabalho e outros para as pessoas que vão e passam pelas praças.

Participaram deste estudo 35 trabalhadores (60% do sexo masculino e 40% do sexo feminino) que utilizam as praças como local de trabalho e 50 pessoas (50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino) que frequentam as praças.

A coleta de dados foi realizada através de questionários semi – estruturados, elaborados de tal forma que permitiram a construção das seguintes categorias de análise: o conceito e a importância das praças, a funcionalidade das mesmas, a conservação e a limpeza, a arborização e o aspecto da segurança nas praças. Essas categorias possibilitaram a visualização das atuais funcionalidades dessas praças, e a opinião pública em relação às mesmas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visão da População em Relação às Praças

A maioria das pessoas (82%) não sabe e não são capazes de formular um conceito para praça; sendo que muitas (11%) confundem, o lazer que é uma das funções da praça, como sendo um conceito. E uma minoria (7%) define praça como um espaço público voltado para a cultura, um cartão postal da cidade, um ponto de referência e que já possuiu um caráter militar.

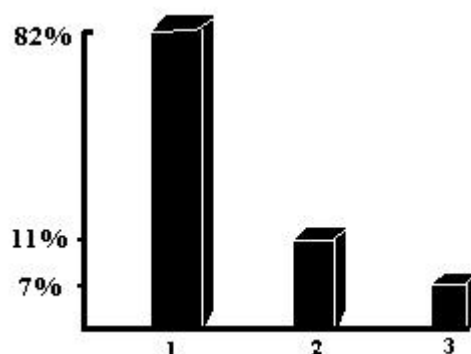


Figura 1: O que as pessoas sabem sobre praças

- 1- Não sabem o conceito de praça
- 2- Confundem o conceito de praça
- 3- Sabem o conceito de praça

Neste enfoque, Casanova (2007), define-se praça como um encontro de pessoas que se reúnem com alguma finalidade.

Com relação à importância da praça, foi possível constatar que grande parte da população é alheia ao fato da praça ser um instrumento de preservação do patrimônio histórico, um incentivo à cultura, ao lazer; sendo que consideram apenas fatores como, ser um ponto de encontro, ponto de referência, atração turística, local de descanso e um acréscimo na estética da cidade.

Na Praça Pedro II, através da pesquisa, foi possível evidenciar que a maioria das pessoas utiliza a mesma como ponto de encontro, de trabalho e até mesmo como via trafegável; sendo que poucos dirigem – se a mesma para descansar ou para o lazer.

Evidenciou – se também que há a ausência de atividades culturais e educacionais; segundo a população a Praça Pedro II está servindo como um apêndice do Theatro 4 de Setembro; refugio para mendigos, desabrigados; local de trabalho, e raramente são feitas exposições educacionais em estandes.

No que diz respeito à arborização, a opinião das pessoas é dividida, metade considera o número de árvores suficiente, e a outra metade julga ser necessário o plantio de mais árvores, mas em um ponto todos concordam, falta o manuseio adequado.

Quanto à conservação, estão muito mal conservada, os bancos estão pichados, o calçamento está solto, a quantidade de lixo está muito grande, considerando – se o fato de haver poucas lixeiras.

Por unanimidade de relatos, não há policiamento, exceto, nos raríssimos casos de eventos na praça, e o número de furtos é muito grande.

Já na Praça da Bandeira, evidenciou – se que as pessoas utilizam – na apenas como local de descanso, devido à localização e a sombra das árvores. O público deste questionário alegou o uso indevido da praça, evidenciando que a atual funcionalidade da

mesma está sendo a prostituição, pois as mulheres aproveitam – se dos idosos, aposentados que freqüentam a praça.

Também é de consenso geral a má conservação da praça; considerada, praticamente, em estado de abandono, tendo a estrutura de uma fonte que está seca, e serve apenas para o acúmulo de lixo, ressaltam – se também a existência de apenas duas lixeiras em uma praça com aquela amplitude.

Quanto à arborização, a população considera suficiente, sendo que falta manutenção.

Em relação à segurança, falta policiamento, sendo que raramente observa – se a presença de policiais. E o número de furtos é muito grande, sendo que aquelas pessoas que não foram assaltadas, já presenciaram, ou já aconteceu com amigos, parentes, conhecidos.

Em relação a Praça Rio Branco, as pessoas freqüentam – na como via trafegável, ou como ponto de encontro; percebe – se que devido ao comércio, que está dominando a mesma, as pessoas já não podem utiliza – lá como lazer, turismo ou qualquer outra atividade do tipo; sendo que a maioria dirige – se à praça, atraídas pelo comércio.

Todos afirmam que a praça está deixando de existir e de exercer suas funções de patrimônio histórico e cultural, área de lazer, para exercer a função de comércio livre.

Quanto à conservação é perceptível que é nula, pois a própria praça está praticamente anulada, sendo que as pessoas, principalmente os idosos, ficam indignados com o que vêem e pedem uma solução.

A população cobra a instalação de lixeiras, pois acham – se obrigados a jogar o lixo no chão.

Sobre a arborização, a população considera o número de árvores e a sombra das mesmas suficientes, faltando, assim como nas outras praças, um manejo adequado para as árvores.

Segundo a população, o policiamento é precário, e concentra – se em um só ponto da praça, enquanto o furto abrange o restante.

Visão dos Trabalhadores em Relação às Praças

Igualmente ao outro grupo de estudo, este também não soube e nunca parou para pensar ou formular um conceito para praça, sendo que, apenas 2% definiram a mesma como patrimônio histórico a ser preservado. E o restante associa, o lazer que é uma das funções, como sendo definição.

Quanto à importância de uma praça para a cidade e para a população, apenas 8% relevaram sua importância histórica e patrimonial. Muitos só consideram o mais evidente, que é sua importância como uma área pública voltada para o lazer; outros 14% acreditam ser importante por ser um lugar agradável, mais 18% consideram sua relevância como área verde, e a maioria (58%) ressaltaram sua importância turística.

Quando questionados sobre a finalidade das praças, todos afirmaram ser um local de encontro, onde as pessoas podem ir para conversar; sendo importante relevar que não é com este fim eles utilizam a praça; e salvo que também disseram ser um local para eventos.

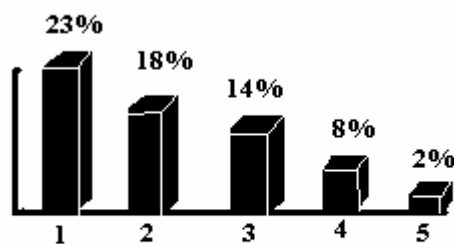


Figura 2: Visões dos trabalhadores sobre as praças

- 1- 23% Importância turística
- 2- 18% Acham importante como área verde
- 3- 14% Acham importante como lugar agradável
- 4- 8% Importância história e cultura
- 5- 2% Acham que é um patrimônio histórico a ser preservado.

Em relação ao tempo que estas pessoas trabalham na praça, contatou – se que na Praça Pedro II varia de menos de um ano a vinte e dois anos de trabalho na praça. Na Praça da Bandeira, tem pessoas que começaram a quatro meses até pessoas que trabalham a dezessete anos. E na Praça Rio Branco, a pior de todas, varia de menos de um ano a quinze anos de trabalho na praça.

Destaca – se ainda, que a grande parte (88%) destes trabalhadores conseguiram um “ponto” na praça através de amigos que já trabalhavam lá; outros 10% estão por conta própria, e uma minoria dos entrevistados (2%) afirmou ter autorização de um fiscal ou ter comprado o “ponto”. A maioria dos entrevistados alega ter escolhido a praça devido ao fluxo de pessoas; e o restante por não ter um local adequado para realizar seu trabalho.

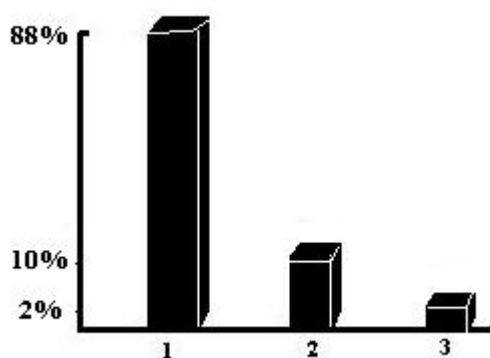


Figura 3: trabalho informal nas praças

- 1- Conseguiram pontos através de amigos
- 2- Trabalham por conta própria
- 3- Tem autorização de um fiscal ou comprou o “ponto”.

Quanto à arborização consideraram boa, faltando a manutenção das árvores.

Relacionado a preservação das praças, percebe – se que todos entendem como preservação do patrimônio histórico cultural, apenas o fato de não jogar lixo no chão e manter limpo o espaço que ocupa na mesma.

Enfocando a questão da segurança nas três praças, mais uma vez pôde – se confirmar a ausência de policiamento e o constante número de furtos.

CONCLUSÃO

Pela pesquisa realizada, foi possível concluir que as pessoas não dão o devido valor que as praças: Pedro II, Rio Branco e da Bandeira merecem, pois nem se quer sabem o que é uma praça ou a importância que estas têm para uma cidade/população; isto á claro, com pouquíssimas exceções.

Embora este estudo tenha evidenciado que algumas pessoas ainda dirigem – se às praças com o intuito de sentar, conversar com os amigos, a grande maioria usa – as como via de tráfego, e o principal fator é que dirigem-se às referidas praças em busca do comércio que é exercido nas mesmas.

Os resultados apontam um crescimento alarmante das atividades ilegais nas praças, atividades estas, que vão desde a prostituição até os camelôs, relojoeiros, sapateiros, engraxates, vendedores de doces e tantas outras; sendo que na Praça Pedro II ainda está começando; na Praça da Bandeira devido às grades, os camelôs concentram – se do lado de fora, permanecendo dentro, os ambulantes e as prostitutas. Já a Praça Rio Branco está totalmente deformada, suas funcionalidades, sua estrutura física, foram

totalmente apagadas pelo comércio, é perceptível a tristeza e a indignação dos idosos ao falarem da antiga Praça Rio Branco e compararem com a atual.

É pertinente acrescentar que a segurança não existe nestas praças. As pessoas que frequentam e as que trabalham nas mesmas, afirmam a ausência de policiamento e o crescente índice de criminalidade.

Com isso, afirma – se a urgência de um trabalho de reestruturação destas praças e principalmente a criação de um local específico para os vendedores.

Dessa forma, conscientes do desvio das funcionalidades das praças estudadas e da degradação do patrimônio histórico, cultural e acima de tudo público, espera – se que este estudo, embora não tenha caráter de generalização, seus resultados possam contribuir de forma significativa para futuras pesquisas e iniciativas nesta área do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Gonçalves Wilson. Teresina pesquisas históricas. Teresina: Gráfica e Editora Júnior LTDA, 1991.
- CASANOVA, Lucili Vidinha. Praças. 2007. 448 f. Tese (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura. Faculdade Camilo Filho, Teresina.
- DOBAL, Hindemburgo. Roteiro Sentimental e Pitoresco de Teresina. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1952.
- FIGUEIREDO, Diva Maria Freire. Revista Presença. Teresina, 2004.
- FILHO, A. Tito. Teresina 134 anos: Ruas - Praças – Avenidas. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1986.
- GOMES, José Airton Gonçalves. Theresina Ontem e Hoje. Teresina: Gráfica e Editora Júnior LTDA, 1992.
- JÚNIOR, José João de Magalhães Braga. et al. Teresina Agenda 2015: Diagnóstico e Cenários: 2001/2002.
- NETO, Bonifácio. et al. Teresina, 1852 – 2002. Teresina: Sucesso Publicidade, 2002.
- Órgão do Conselho Estadual de Cultura e da Fundação Cultural do Piauí. Praça Pedro II, Teresina, n. 35, ago. 2006.
- PAIVA, Haroldo Nogueira de; GONÇALVES, Wantuelfer. Florestas Urbanas – Planejamento para a Melhoria da Qualidade de Vida. Viçosa: Editora Aprenda Fácil, 2002.
- SANTOS, Cineas. P2. Teresina: Livraria e Editora Corisco LTDA, 2001.
- SOARES, Mozart Pereira. Verdes Urbanos e Rurais: orientação para arborização de cidades e sítios campestres. Porto Alegre: Editora Cinco Continentes, 1998.